janeiro/2023

Revista Verlidelas

edição nº 31

crônica

A história de um
ENCONTRO

poesia

Quando a alma
alcança a
PAZ

entrevista & conto

BRUNO
MARQUÊS
ARENO

VERLIDELAS

janeiro/2023 edição nº 31

Sumário

ENTREVISTA ... 03
Bruno Marquês Areno

CONTO ... 11
Coração de Papel
Bruno Marquês Areno

CRÔNICA ... 15
Você Quer Ir ao Meu Lançamento?
Fabiana Grieco

POESIA ... 22
Alma Passarinheira
Pedrina Castro

EXPEDIENTE:

Editor-chefe:
•Sergio Carmach

Editora assistente:
•Luzia Barbosa

Fotos de Bruno (capa e entrevista):
•Domingos Boca

Fotos (crônica):
•Taís Lima

Ilustrações (crônica):
•André Santos

Revisão, diagramação e arte:
•Sergio Carmach

contato@verlidelas.com
www.verlidelas.com
www.facebook.com/verlidelas/

Verlidelas Editora
CNPJ 27.850.067/0001-71
Rio de Janeiro/RJ

EDITORIAL

"Esperança" é uma palavra bastante usada nesta época do ano, quando um novo ciclo se inicia. Tida como virtude e em geral associada à positividade, a esperança é um sentimento capaz de mover uma pessoa mesmo diante das situações mais paralisantes, mais aterradoras. O entrevistado desta edição, Bruno Marquês Areno, é de um país cujo povo está acostumado a esse tipo de vivência. Segundo ele, a "dor vem da guerra, da fome, da prostituição, do racismo, da ignorância"..., sendo a escrita um dos "instrumentos de combate àquilo que nos fez ou faz sofrer", caso em que *a esperança se materializa em histórias*. É claro que, na literatura, nem tudo é sempre direto e evidente. O conto emprestado por Bruno à revista, "Coração de Papel", é aparentemente *desesperançoso* – e, observe-se, lindamente lírico. Mas a história do personagem Adalberto não pretende – segundo a interpretação de quem escreve este editorial, claro – provocar desânimo, e sim despertar reflexões sobre a necessidade de uma mudança de espírito; sem ela, não haveria esperança de dias melhores. Na entrevista, inclusive, Bruno parece demonstrar uma disposição otimista e esperançosa ao dizer: "nessa mesma África amarga, também tem mel". Bem, depois de analisar o bate-papo e o conto, o leitor da revista pode tirar suas próprias conclusões.

Por aqui, tivemos o lançamento de mais dois livros infantis pela Verlidelas. Em uma crônica sobre sua noite de autógrafos, a autora de um deles, Fabiana Grieco, diz: "Senti que algo mágico acontecia ali. Após uma pandemia mundial, fiquei feliz de receber tantos convidados (...). Foi uma noite repleta de abraços, que fez renascer em mim o prazer do encontro, de estar presencialmente com as pessoas." Tais palavras despertam em nós a esperança da volta, neste ano, do convívio social pleno, com beijos, abraços e apertos de mãos. Que assim seja!

Caso o leitor mais desesperançado chegue ao final da revista ainda melancólico, ele pode se entregar aos versos de Pedrina Castro (que falam do encontro com a paz em meio à tristeza do mundo) na esperança de uma cura poética. Se você nos acompanha há algum tempo, já deve ter experimentado **essa terapia**...

Enfim, a nossa mensagem para 2023 é: sigamos em frente, fazendo da literatura também um sinônimo de esperança!

Sergio Carmach

Apoiam esta edição:

Alegria de Viver e Amar o que é bom — **Conheça**

refúgio LITERÁRIO — **Conheça**

POD Livros — **Conheça**

BRUNO MARQUÊS ARENO

entrevista

POR SERGIO CARMACH

Apesar de ter publicado um livro solo e de integrar diversas antologias em países de língua portuguesa, esse autor moçambicano ainda se considera um escritor em construção. Na entrevista a seguir, além de conversar a respeito de sua escrita, que costuma abordar de forma lírica e sensível a dor de seu povo, ele conta sobre as dificuldades de se fazer literatura em Moçambique, sobre as particularidades de seu país e muito mais. Logo depois do bate-papo, o leitor pode conhecer o estilo do autor em um belo conto, que traz a guerra civil como elemento importante da trama

Fale um pouco de você e sobre como se tornou escritor.

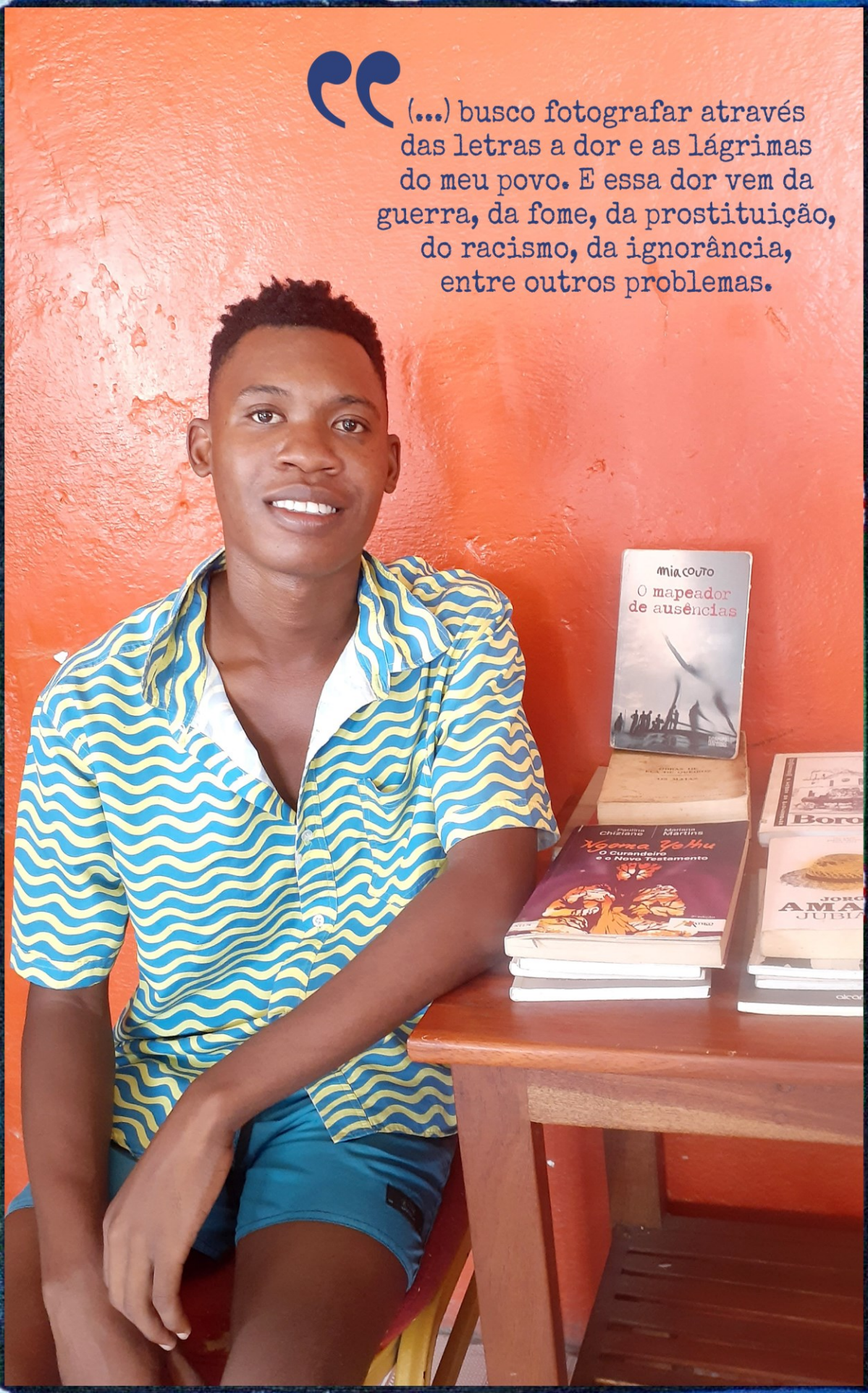
Não me considero escritor, ainda. Estou num exercício de formar-me ou fazer-me escritor. Quem sabe um dia irei sê-lo. Agora, no que diz respeito à origem da minha escrita, confesso que ela nasce da necessidade, e não da vocação, como acontece com a escrita dos profissionais. A minha escrita nasce da ausência, seja de direitos humanos, seja de justiça. A minha escrita vem da sede que tenho de falar sobre as coisas que vejo.

Como é exercer a literatura em Moçambique? Quais são as facilidades e dificuldades?

Em Moçambique, assim como em outros países da África negra, ler as palavras é um privilégio, pois nesses lugares prevalece a oralidade. A literatura até circula por Maputo e pelas capitais das províncias, mas em Moçambique a palavra escrita não tem lá grande impacto. E a maior parte da população não fala a língua portuguesa. Além disso, aqui o número de editoras não é satisfatório. Esses são alguns dos aspectos que dificultam a execução da literatura em meu país. Por outro lado, há alguns clubes de leitura com a missão de promover escritores locais e formar leitores. E, apesar de termos poucas editoras, algumas delas lançam concursos como forma de dar voz a novos autores. Aí vem a parte das facilidades.

Cursar Letras e Ciências Sociais na universidade contribui de alguma forma para a sua escrita?

Essa pergunta me remete a outra questão que sempre me colocam: "De onde vem a sua inspiração?" Me é difícil responder. Bem, sobre a universidade, eu não me atreveria a dizer com certeza se cursar Letras e Ciências Sociais na UniRovuma contribui ou não para a minha escrita. Pode ser que sim, pois foi lá que conheci professores maravilhosos de Literatura, como Calisto do Rosário e Francisco Gaita. Eles foram, sem dúvida, pessoas cruciais, pois me ensinaram mais do que a literatura em si. Eles me mostraram que devemos sentir a literatura no seu

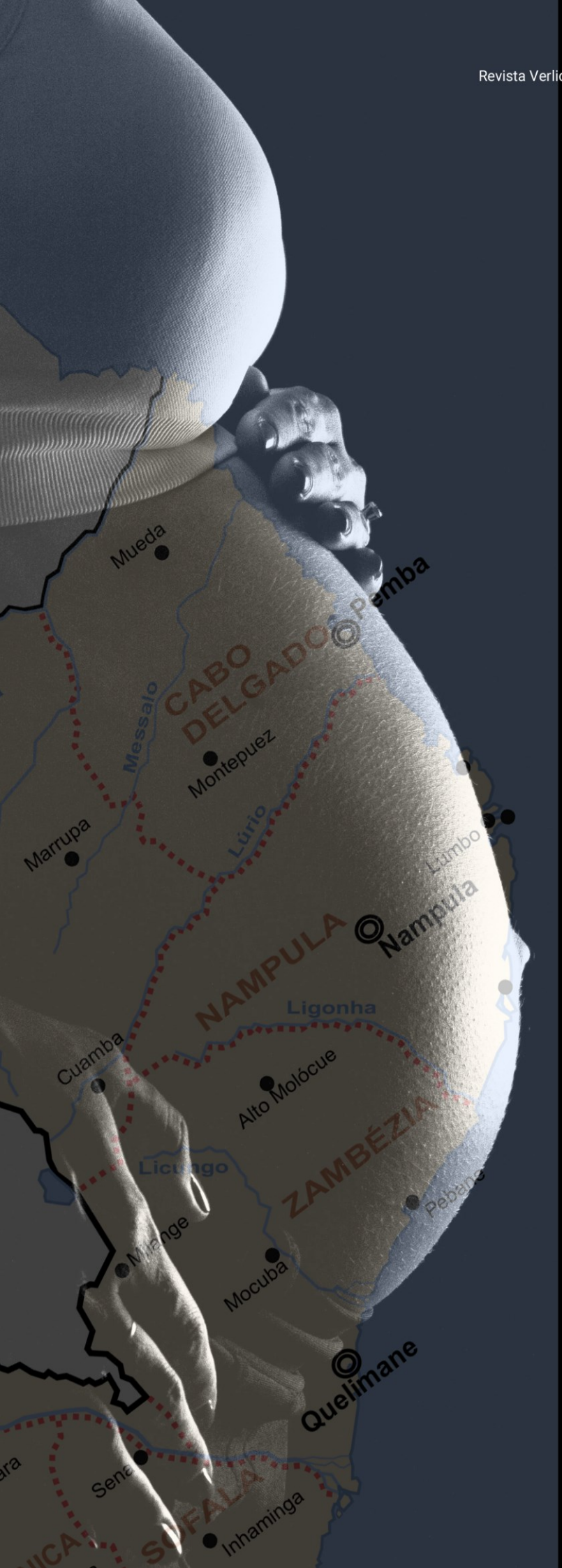


"(...) busco fotografar através das letras a dor e as lágrimas do meu povo. E essa dor vem da guerra, da fome, da prostituição, do racismo, da ignorância, entre outros problemas.

todo; e que – para nos tornarmos um poeta ou um contista – precisamos primeiro aprender a sentir o mundo, as palavras. Impossível traduzir o contributo dessas pessoas na minha vida.

Neste ano você lançou "Fotografia Feita a Letras". Conte-nos sobre esse livro.

Nesse livro, busco fotografar através das letras a dor e as lágrimas do meu povo. E essa dor vem da guerra, da fome, da prostituição, do racismo, da ignorância, entre outros problemas. No conto "É Milagre dos Deuses", uma passagem diz: "Que distanciamento? Desde os meus tempos de menino eu vi o distanciamento entre ricos e pobres, entre brancos, mulatos e negros. Nas terras de Mandela, a população sempre quis manter-se distante das outras nações. Nada disso é novo." Essas palavras dum personagem mostra que assim é Moçambique, assim é a África. Mas atenção: nessa mesma África amarga, também tem mel.

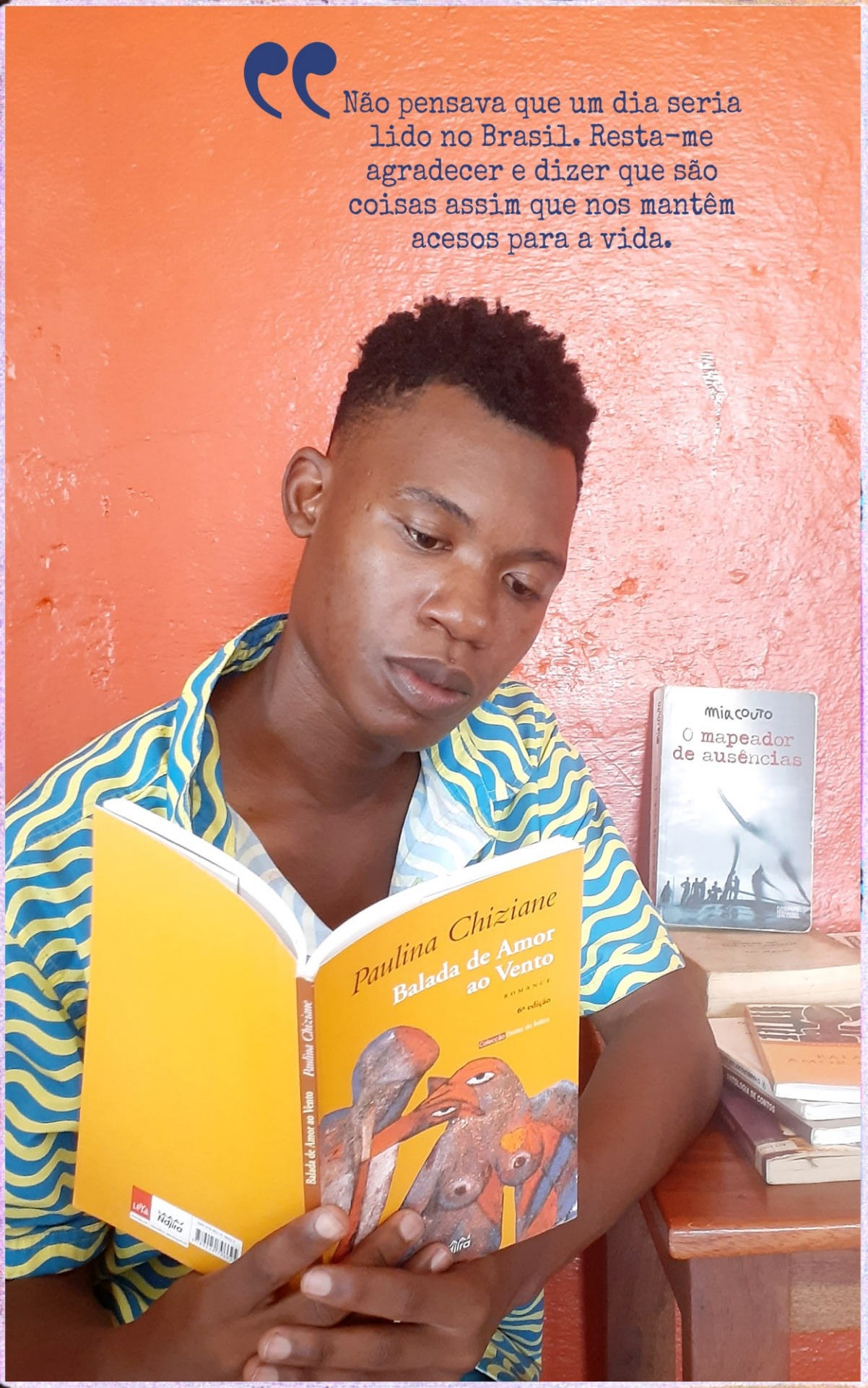


A guerra, a propósito, figura de certa forma na bandeira nacional de seu país, que traz uma AK-47 para simbolizar a luta armada; atrás do fuzil, há um livro. Como você enxerga a junção desses símbolos e com que intensidade essas questões influenciam a sua obra?

Sobre a arma na bandeira e a minha escrita, tenho a dizer o seguinte: o fuzil pendurado lá representa a guerra contra o colono, mas a que se vê no meu livro é bem fresca e atual. Essa guerra nasceu na província de Cabo Delgado e se espalhou até as províncias de Niassa e Nampula. Neste momento, está ceifando vidas e deixando sem comida e água crianças órfãs, pois elas precisam se esconder. É com essa guerra que me preocupo agora.

Pelo menos para mim, a junção da arma com o livro na nossa bandeira faz sentido. Acredito que escrever é sangrar, é lutar contra qualquer coisa que nos rói. No fim das contas, tanto a arma (que lutou contra o colono) quanto o livro (que pode ser usado contra a guerra fraticida promovida pelos terroristas) representam instrumentos de combate àquilo que nos fez ou faz sofrer.

No conto "O Esconderijo", texto portador de uma ficção notória, eu mostrei um bebê que pensava o quanto era chato ficar no ventre da sua mãe por nove meses. Ele, então, decidiu nascer antes do tempo e veio ao mundo durante a guerra na província de Cabo Delgado. Ao nascer, ele não chorou, como se soubesse que num esconderijo não se pode fazer barulho. Ao contrário do que esperava, não encontrou um mundo bom, sem dor ou lágrimas. Depois de ver tanta gente partindo, o bebê descobriu que, no mundo dos homens, as pessoas viviam para morrer, ao passo que no ventre, rejeitado por ele, vivia-se para nascer. Nesse instante, o bebê chorou para regressar ao ventre da mãe, mas era tarde demais. Nesse conto, tentei retratar a dor dos bebês que nascem nessa província assolada pelo terrorismo, tentei dar voz a esses seres inocentes.


Não pensava que um dia seria lido no Brasil. Resta-me agradecer e dizer que são coisas assim que nos mantêm acesos para a vida.
Paulina Chiziane
Balada de Amor ao Vento
ROMANCE
6ª edição
Mia Couto
O mapeador de ausências

Você foi selecionado no concurso Olhares Negros: Crônicas das Cidades e foi um dos vencedores no concurso Crônicas de Água. Como você vê esse reconhecimento?

Vejo esse reconhecimento com olhos de gratidão. Não pensava que um dia seria lido no Brasil. Resta-me agradecer e dizer que são coisas assim que nos mantêm acesos para a vida.

Você participa de obras brasileiras e portuguesas. Qual a importância dessa interação com o meio literário de países irmãos?

Falando especificamente de África e Brasil, eles às vezes são a mesma coisa: há costumes brasileiros que se complementam na África e vice-versa. Mas às vezes são diferentes. Quando tomamos parte em projetos literários envolvendo os dois países, podemos perceber isso com mais clareza, o que é enriquecedor. Participei duma antologia – "Ubuntu: Literatura e Ancestralidade – São Miguel-Maputo: Cartas Trocadas", chancelada pela Gala-Gala Edições (Moçambique) e pela Lavra Editora (Brasil) – na qual autores de ambos os países buscam mostrar ao mundo, através da palavra escrita, quais são as ligações e as diferenças entre as duas nações.

Em Moçambique existem leis de incentivo à cultura?

Vejo presidentes municipais – como o Araújo, na cidade de Quelimane – apostando no crescimento da cultura. Eles apoiam feiras de livros e clubes de leitura, além de investirem em bibliotecas. Só estou a par dessas iniciativas. Eu não saberia falar sobre leis. Mas também temos um incentivo à cultura em outro sentido. Até sete anos atrás, era proibido falar a língua materna nas escolas. E, como é de conhecimento de muitos, a maior parte da população moçambicana não é falante do português. Então, já podem imaginar o quanto essa proibição limitava a população. Eu, por exemplo, já fui expulso da sala de aula por usar o emakhuwa, que é o idioma mais comum em Moçambique. Mas agora podemos falá-lo sem medo. Até existem concursos promovidos por associações nas escolas com o intuito de promover a cultura tradicional de nosso país.

Tem projetos em andamento?

Sim, um clube de leitura chamado Olhar Literário, cuja missão é formar leitores. Temos feito encontros presenciais aos domingos e nos restantes dias da semana partilhamos as nossas leituras em um grupo de WhatsApp. Também temos uma página no Facebook. ■

Leia a seguir um conto de Bruno

conto

CORAÇÃO DE PAPEL

BRUNO MARQUÊS ARENO

NASCERA NUM PAÍS NÃO APROPRIADO para si. Ali, Adalberto não passava de um zé-ninguém. Era uma grande aberração aos olhos de todos. Seus irmãos nem se davam ao trabalho de cumprimentá-lo. Adalberto era amoroso, atencioso e paciente demais, problemas graves num mundo onde tudo se mostrava urgente. Naquele lugar-sem-medo, era também o único que sentia medo. Quando os generais de lá recrutavam homens para os campos de batalha, Adalberto era ignorado.

- Precisamos de combatentes corajosos, mas tu, jovem, és o verdadeiro medo - Diziam os oficiais sempre que ele ia candidatar-se.

Porém, num desses dias de alistamento militar, Adalberto foi um dos escolhidos. A sua velha mãe, que jamais sentira medo na vida, ficou felicíssima.

- Finalmente o meu filho perderá o medo, tornar-se-á comum, assim como nós - Dizia ela, alegre, enquanto os militares tiravam o jovem aos empurrões de dentro da sua casa.

A mãe nenhuma lágrima derramou. Afinal, não possuía medo; e muito menos previa os possíveis riscos que o filho correria.

Depois de uma semana, um general voltou a bater à porta da velha, que ficou pasma.

- O que é isso? - Gritou histérica, enquanto endireitava os óculos.

- Sinto muito, senhora - Disse o general, num tom enraivecido. - Esse seu filho é um pau torto e torto morrerá. O medo sobre o seu ser é imenso - O oficial fixou os olhos da velha, cujos lábios murchos tremiam de raiva, e acresceu: - Ele diz que é necessário estudar o inimigo para conhecer as suas fraquezas. Ele também fala que devemos ter medo, medo de perder a nossa nação, a nossa cultura, o nosso povo. Fique com ele - Disse o general, empurrando-o de volta para a casa da sua mãe.

A velha ficou ali, perplexa, imóvel, furiosa. Por fim, virou-se para o filho, deu dois passos e parou diante dele.

- Essa cabeça que não regula não te vai ajudar, meu filho. Ninguém te quer por perto. Mas quem te irá querer? Você é muito cauteloso, esse medo te faz pensar muito. Não que você não faça as coisas; faz sim, mas depois de pensar muito, e isso chama-se medo, meu filho. Tenha coragem, faça sem pensar, Adalberto - Disse a velha - Aja por instinto, assim como os grandes animais ferozes agem.

Passados alguns dias, ele saiu à rua, e com os olhos presos ao chão escutava murmúrios e xingamentos. Afinal, jamais ninguém fora expulso do campo de batalha por medo. E muitos morriam na guerra, nem a metade do número de homens voltava para casa. Exausto de semear os olhos sobre a terra, Adalberto ergueu-os. Mas de imediato os voltou novamente para baixo. Desta vez não tinha medo das falatórias do povo, mas da falatória do seu próprio coração. Adalberto estava apaixonado, uma mulher acabara de roubar-lhe o coração.

Pensou em falar-lhe dos seus sentimentos naquele mesmo instante, mas achou que devia preparar-se, conhecer mais os caminhos obscuros desse sentimento clandestino que acabara de fazer do seu coração um templo.

Depois de semanas, Adalberto foi ao encontro da mulher, exprimiu o seu interesse por ela, e esta em resposta desafiou-o, dizendo que só o aceitaria depois que ele perdesse o medo.

Cabisbaixo, ele fez-se à rua. Quando decidiu erguer os olhos para contemplar aquele lugar que dele tinha nojo, deparou-se com uma oficina. Lentamente, dirigiu-se até lá. Atrás do balcão velho estava um idoso. Ele mal parava de tossir.

- O que o senhor trouxe para eu consertar? - Questionou o velho, acendendo o seu cigarro.

- Trouxe o meu coração - Respondeu Adalberto.

- Hu! Teria que deixá-lo comigo por alguns dias.

- Mas eu não posso viver sem um coração.

O velho dirigiu-se a um armário comprido, tirou de lá um coração de papel e estendeu-o a Adalberto.

- Use esse coração de papel enquanto conserto o seu.

- Ele funciona perfeitamente? É igual aos demais?

- É um coração de papel - Respondeu o velho entre risos.

Adalberto aceitou. E passou a ser como os outros. Agora não só tinha interesse na mulher que vira naquele dia, mas em todas que via passar. Não mais amava a mulher que lhe roubara o coração, amava todas as mulheres que a Terra criara, amava todo ser que tinha dentro de si um sonho de mãe. Já não era cauteloso, mas violento. Metia-se em brigas nas ruas, roubava... E ninguém o criticava. Afinal, era igual a todos. Já não mais cuidava da mãe idosa, que definhava pelos cantos da velha casa. Adalberto nada sentia, nem mesmo medo de perder o único ser que tinha, a sua mãe, que aos poucos ia virando pó.

Certo dia, passando em frente à mesma oficina onde deixara o seu coração, decidiu entrar.

- Deixei um coração aqui há anos - disse.

- Não se preocupe, lembro de ti.

O velho tirou de um armário o coração de Adalberto, coberto por um pano branco.

- Consertou?

- Não - Respondeu o velho. - Nunca vi em toda a minha vida um coração tão perfeito, tão completo feito este. Ele não requer um reparo - Disse, estendendo o coração a Adalberto, que o recusou.

- Para o senhor talvez seja perfeito, mas para mim e para a minha gente esse coração só traz decepções, desigualdade social. Para o povo, o coração de papel, sim, é perfeito. Faz-me igual aos outros. Esse, o qual chamas perfeito, não passa de um coração alienígena. Gostou? Fique com ele, ficarei com o de papel.

- Mas não existe coração tão perfeito quanto o seu, senhor! - Insistiu o idoso.

Adalberto aproximou-se do velho, agarrou-lhe as mãos trémulas e disse:

- Para este país, para esta gente, esse coração não está bom, está estragado. Este de papel é, sim, o perfeito.

Deu as costas para o velho e retirou-se.

. . .

ARTE: WILL SANTOS

POD Letras
@podletras

https://www.youtube.com/PodLetras

LIVES TODAS AS TERÇAS E QUINTAS
ÀS 20H NO YOUTUBE E NA TWITCH

Podletras

O PodLetras – canal formado pelos escritores César Costa, Marlos Quintanilha e Will Santos – é feito para pessoas que curtem arte, especialmente literatura. Cada programa apresenta um bate-papo descontraído com um convidado interessante, oferecendo uma experiência enriquecedora para o espectador.

POR FABIANA GRIECO

VOCÊ QUER IR AO MEU LANÇAMENTO?

FOTOS: TAÍS LIMA

ILUSTRAÇÕES: ANDRÉ SANTOS

No dia 16 de dezembro, o livro "Você quer ir à minha festa de aniversário?" foi lançado em São Paulo na Livraria Drummond. Em uma crônica leve e divertida, a autora Fabiana Grieco conta como foi o evento

EU ME ARRISCO A JOGAR EM TODAS AS POSIÇÕES nas festinhas dos meus filhos, as quais preparo com muito zelo. Sim, sou dessas. Nesses momentos, revela-se com força a mãe, a decoradora, a doceira, a recreadora... Com o pinguim Pedro não foi diferente. Passei a semana nos preparativos, buscando adesivos na gráfica, comprando itens infantis, separando os vasos e os porta-docinhos. Teve a parte difícil: encher as bexigas e montar os chapéus, que oferecem furinhos quase invisíveis para a amarração de elásticos incrivelmente finos. Por sorte, meus filhos adoram trabalhos manuais e me ajudaram bastante. Crianças, obrigada pela parceria!

Faltando poucas horas para o lançamento, separei a mochila dos meninos, a caixa com os livros e quatro *ecobags* com o material para o evento. Prestes a sair, meu marido perguntou se eu não estava esquecendo nada. Àquela altura, com tantas coisas na cabeça, eu já não sabia nem o meu nome. Voamos até a Avenida Paulista e chegamos ao querido Conjunto Nacional. Estacionamos o carro. A família reunida se organizou para levar as sacolas. Até meu

sacolas. Até meu bebê de dois anos ajudou. E lá fomos nós passear de elevador com bexigas que teimavam em flutuar pelos ares. Chegamos ao terceiro andar. Percebemos que não era ali. “Opa, nos confundimos. Desculpe pelo transtorno.” Voltamos ao térreo e, finalmente, chegamos à Drummond Livraria. Senti uma energia incrível assim que coloquei os pés lá. Lugar aconchegante, sem frescuras desnecessárias e com pilhas de livros nas prateleiras. Nada contra lugares com paredes instagramáveis, mas gosto de sebos, bibliotecas e livrarias repletas de livros convidativos, que podem ser sentidos com os olhos e as mãos.

Entramos com nosso arsenal festivo e pedimos uma mesa extra para o ilustrador André Santos, que desenhou o pinguim Pedro. Fomos prontamente atendidos e passamos a focar na montagem do espaço. Modéstia à parte, ficou bonito demais. Docinhos nas laterais das mesas, bexigas nos vasos, chapeuzinhos à frente.

DRUMMOND
LIVRARIA

¿Qué quiere hacer en su cumpleaños?
Vete a casa de tu amiga
¿Qué quiere hacer en su cumpleaños?
Vete a casa de tu amiga
FABIANA GRIECO
GUSTAVO CÉSAR ANDRÉ SAMOS

João Pedro recebendo o seu exemplar

Avistei o João Pedro, menino que estuda com a minha filha e que me inspirou a escrever o livro. E, coincidentemente, a primeira amiga que nos cumprimentou tem um filho chamado Pedro. Parecia a noite dos Pedros, um bom sinal. Em seguida, foram chegando pessoas de toda parte: alunos, ex-alunos, parentes do meu marido, ex-colegas de trabalho, amigas da área cultural, coleguinhas de minha filha e seus familiares... Senti que algo mágico acontecia ali. Após uma pandemia mundial, fiquei feliz de receber tantos convidados e celebrar o nascimento do pinguim Pedro. Foi uma noite repleta de abraços, que fez renascer em mim o prazer do encontro, de estar presencialmente com as pessoas.

Depois de fazer dedicatórias em todos aqueles exemplares, vi que o relógio marcava nove e quarenta da noite. Hora de arrumar tudo e voltar para casa. Família reunida novamente, bexigas estourando no porta-malas, caixa de doces com alguns beijinhos sambando na minha mão... e uma maravilhosa sensação de dever cumprido. Como lembrança desse dia incrível, uma caneta branca lindona que ganhei do gerente da Drummond Livraria. No mais, só tenho a agradecer aos envolvidos no lançamento, aos meus pequenos ajudantes, àqueles que participaram da feitura do livro e, especialmente, ao André, pelas lindas ilustrações, e à premiada escritora Regina Drummond, pelo encantador texto da quarta capa. Como escrevi em algumas dedicatórias, por mais encontros com amigos queridos e – por que não? – docinhos!

Conheça o livro

■ ■ ■

LIVE
Autoconhecimento
EM PROSA E VERSO

Apresentação:
@laircohim

TODA SEGUNDA-FEIRA
ÀS 20h30

Uma iniciativa da escritora e terapeuta Lair Cohim para compartilhar os assuntos do seu livro "Autoconhecimento - A Chave da Saúde".

Você aprenderá sobre Malhação Cerebral e dará um mergulho na espiritualidade e na ciência.

www.laircohim.com.br

VERLIDELAS

Pedrina Castro

poesia

ALMA PASSARINHEIRA

Sentada em meu jardim,
Entre as flores coloridas!
Sinto delas o perfume,
Elas sorriem para mim.

Sentada em meu jardim,
O meu corpo está inerte!
Minha alma está nos ares.
Procura passarinhos!

Minha alma está consciente
De toda a tristeza da Terra.
Já superou e entendeu
Que a vida é muito bela!

Eleva-te, alma sofrida.
Encontra a liberdade tão merecida!
Purifica-te, torna-te cristalina!
A vida é uma passagem!

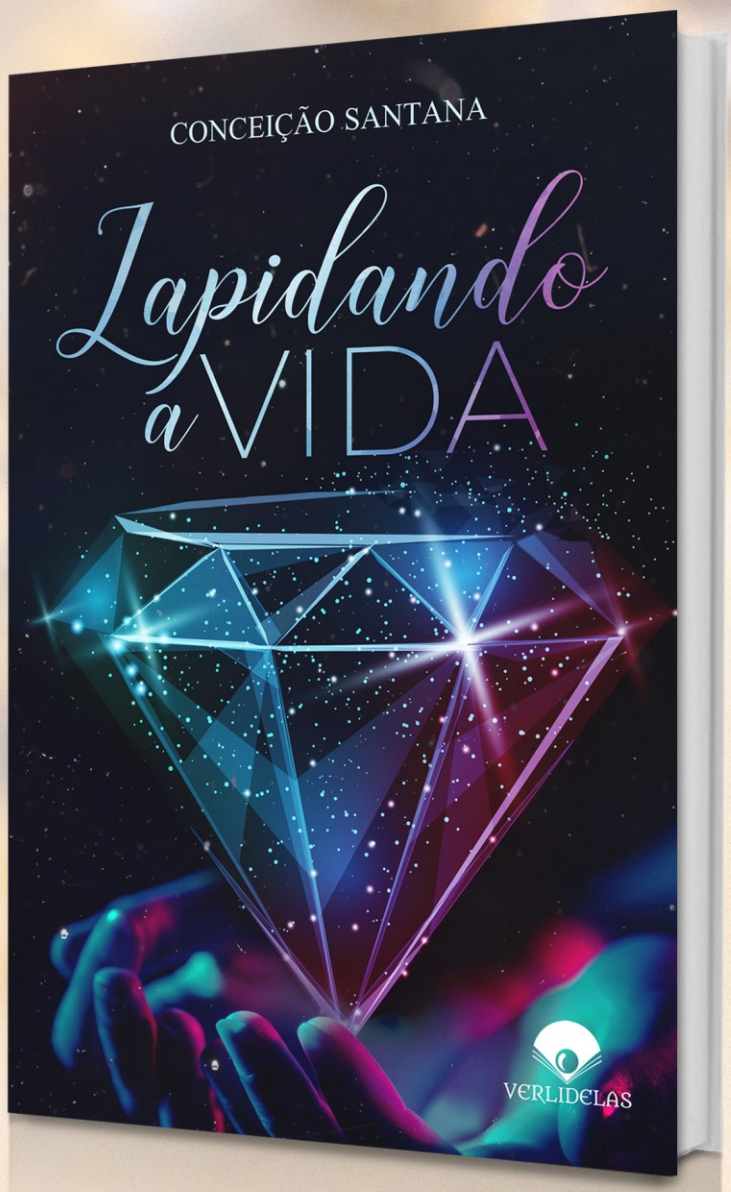
Inebriada está minha alma!
Por encontrar o caminho,
Está em paz!
Brinca com os passarinhos!

Conheça o livro
da autora

Lapidando a VIDA

VERLIDELAS

CONCEIÇÃO SANTANA



***LAPIDAR* É VERBO NOBRE; é busca pelo aperfeiçoamento, pelo melhor que se pode dar. Investida de tal agir, Conceição faz de sua força interior um instrumento para dar brilho a essa pedra preciosa chamada "vida". Com o mesmo espírito, lapidou sua prosa neste livro para revelar com alma poética as dores, os desafios e as conquistas da atual fase de sua trajetória, em especial a percorrida durante a pandemia. *Lapidar* é também adjetivo nobre; indica algo primoroso, de qualidade. É o que encontramos nas crônicas desta obra rica de emoções, belas imagens e alentadas mensagens, que nos inspiram a seguir sempre lapidando a vida.**

Lançamento em breve